

EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

# EXAME

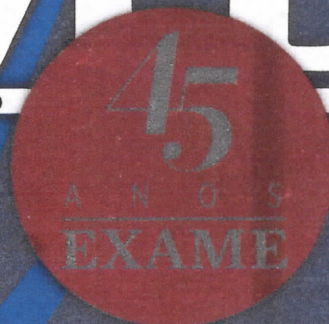
EDIÇÃO 1030 ANO 46 • Nº 24 • 5/12/2012

www.exame.com

R\$ 14,90



ISSN 977-010228800-2 Edição Quinzenal  
01030  
9 770102 288002



# 10 ideias

para entender a economia e os negócios no Brasil e no mundo

COM ARTIGOS E ENTREVISTAS DE:

• Dani Rodrik • Ricardo Lagos • Paul Krugman  
• David Bloom • Hans-Werner Sinn • Cheng Li • Craig Venter  
• Chris Anderson • Jim Collins • Vijay Govindarajan

AMÉRICA LATINA

45  
ANOS  
EXAME

# 2<sup>a</sup> Ideia

## A América Latina sob a pressão da classe média

**CONTEXTO** • A América Latina das ditaduras, da inflação alta e da desigualdade crescente deu lugar a um ambiente democrático, em que a maior parte dos países tem políticas macroeconômicas responsáveis e a distribuição de renda melhora. Hoje, nosso continente se converteu numa região de renda média.

**IDEIA** • Ricardo Lagos, ex-presidente do Chile, diz que precisamos escapar da armadilha da renda média — países que saem da pobreza, mas não conseguem avançar a partir daí e chegar ao Primeiro Mundo. O desafio é grande: os governos serão cada vez mais pressionados pela nova classe média latino-americana.

45  
ANOS  
EXAME

Artigo

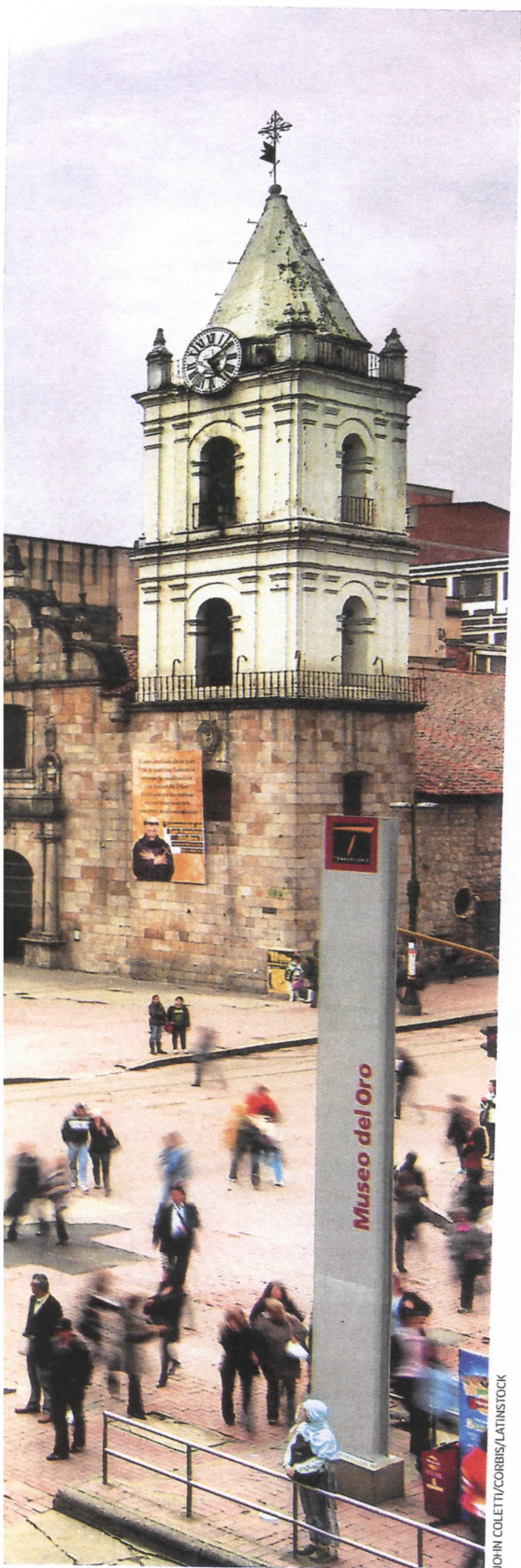


**RICARDO LAGOS**

Considerado um dos grandes pensadores latino-americanos, foi presidente do Chile de 2000 a 2006. Advogado e economista, destacou-se como um dos maiores opositores ao governo de Augusto Pinochet. Atualmente, é professor de desenvolvimento econômico na Universidade Brown, nos Estados Unidos

**Bogotá, na Colômbia: em cinco anos, o índice de pobreza na América Latina caiu de 44% para 31,5%**





JOHN COLETTI/CORBIS/LATINSTOCK

# Novo rumo para América Latina — e Brasil

Na última década, o crescimento da região fez com que ela deixasse de ser um polo de pobreza para tornar-se um dos centros globais de ascensão da classe média. Como os países devem lidar com esse novo cenário

A América Latina passa por um momento extraordinário em sua história. Há cerca de 30 anos, a região ainda padecia com a multiplicação de ditaduras militares, lutávamos contra a inflação, o crescimento econômico era magro e constatávamos que a substituição de importações — o modelo de crescimento implantado no período pós-Segunda Guerra Mundial — estava se esgotando. No horizonte, avistava-se a chegada do neoliberalismo, do mercado como instrumento essencial para delinear a sociedade que desejávamos. Houve muitas crises na segunda metade do século 20. Para muitos países latino-americanos, a década de 80 foi perdida. Contudo, a partir da década de 90, os sistemas democráticos se consolidaram na região e, com a força das urnas restabelecida, a pobreza se converteu no problema fundamental a ser derrotado.

A primeira década do século 21 se inicia com grandes perspectivas para a região. A China encabeça o dinamismo dos países asiáticos com sua crescente demanda por produtos disponíveis na



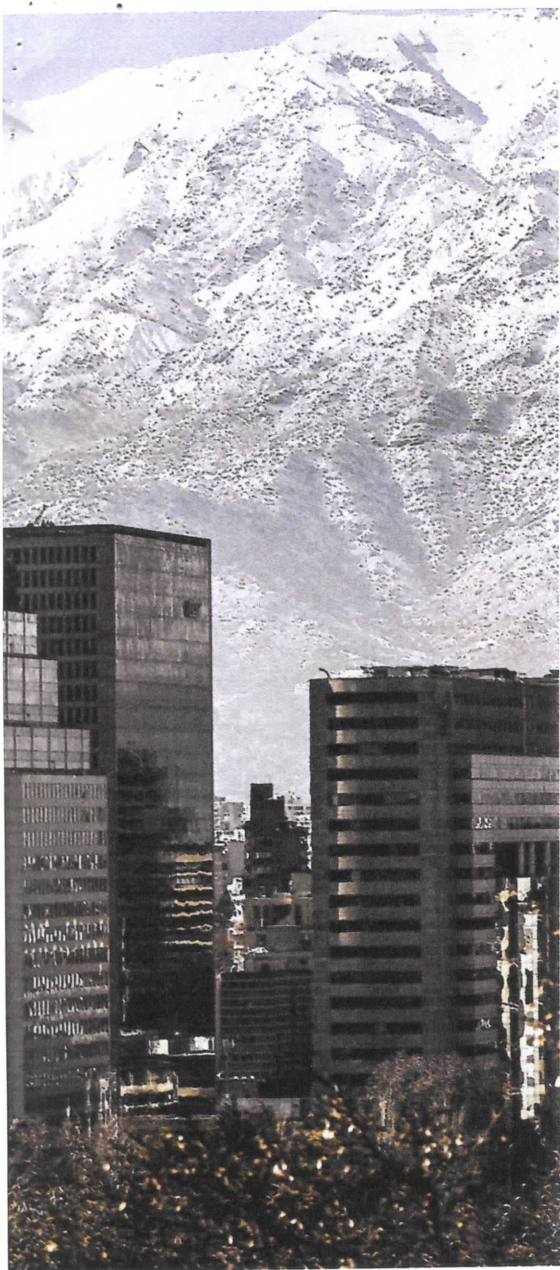
Santiago, no Chile: de 2003 a 2008, o PIB da América Latina cresceu mais de 25%

América Latina. De 2003 para cá, os países latino-americanos atingiram um ritmo de crescimento que é mais do que o dobro da média das nações ricas que integram a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. De 2003 a 2008, o PIB da América Latina cresceu mais de 25%, e o número de famílias vivendo abaixo da linha da pobreza caiu de 44% para 31,5% do total. Esses dados demonstram que os latino-americanos aprenderam não só a conduzir a economia de maneira responsável como também a utilizar seus recursos de modo eficiente, focando os gastos nos setores mais pobres.

No começo dos anos 90, por exemplo, o Chile introduziu uma bolsa de retenção para os estudantes do ensino médio com alto risco de deserção escolar. A condição para receber o benefício era que os

alunos seguissem estudando. Lembro-me de ter falado sobre esse programa com Paulo Renato Souza quando ele foi nomeado ministro da Educação no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Assim nasceu o Bolsa Escola no Brasil, o programa de transferência de renda condicionada que na primeira década deste século foi um elemento fundamental para combater a pobreza no país.

A recente crise financeira mundial, a mais severa desde 1930, foi responsável por fazer a América Latina interromper seu processo de crescimento. Pela primeira vez, no entanto, a região não estava envolvida na origem da desaceleração. Esse cenário proporcionou uma vantagem aos países latino-americanos, que se recuperaram rapidamente a partir de 2010 e se mantiveram à frente do crescimento econômico global. Nos últimos três anos, a



STEFAN WOLUBIAN/PULSAR IMAGENS

América Latina alcançou um nível de crescimento próximo de 5% e agora nota-se, com razão, que somos países de renda média. Esse novo cenário reconfigurou o mapa político e social da região, estabelecendo como desafio principal as crescentes demandas da classe média emergente.

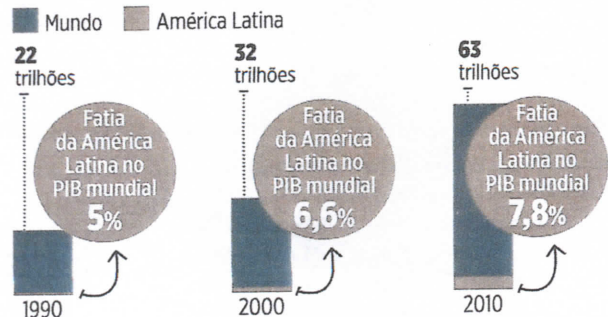
**OLHOS NO FUTURO**

Para seguir nessa ascensão, a América Latina precisa encarar alguns desafios. Um deles é superar as armadilhas típicas que afetam os países de renda média — a principal delas é, após sair da pobreza, não conseguir chegar ao patamar das nações de renda alta. Para resumir uma longa lista em uma frase, a região terá, daqui para a frente, de melhorar a competitividade e a produtividade da economia, expandir suas exportações e fortalecer os mercados internos. Em conjunto, essas mudanças nos obrigam a aumentar o investimento em tecnologia e inovação, passando de uma economia produtora de matérias-primas para outra de bens mais sofisticados. As novas tecnologias, ao mesmo tempo, nos impelem a rediscutir o papel da propriedade intelectual e a definir uma postura comum como latino-americanos ante o mundo desenvolvido, sobretudo no relacionado com a questão das patentes. Igualmente, é necessário flexibilizar os mercados de trabalho, com a condição de introduzir segurança no rendimento dos trabalhadores. Desse modo, os que ficarem desempregados, como resultado dos aumentos da produtividade, poderão manter sua renda enquanto se capacitam para um

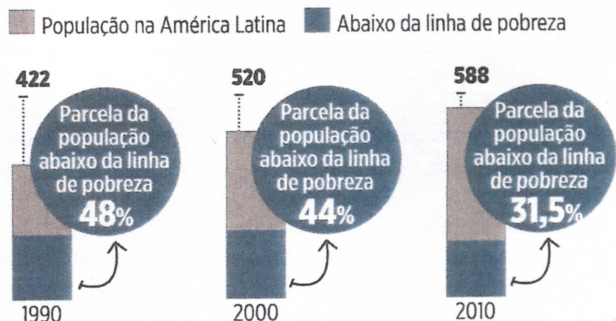
**UMA REGIÃO MAIS FORTE**

*Do ponto de vista social e econômico, a América Latina evoluiu nas últimas décadas*

**MAIS CRESCIMENTO** (evolução do PIB em dólares)



**MENOS POBRES** (pessoas abaixo da linha de pobreza, em milhões)



Fontes: FMI, World Bank e Cepal



**Crianças em escola mexicana:  
a nova classe média agora quer  
mais para a sua família**

novo trabalho. Muitas dessas tarefas citadas acima precisam ser abordadas com base em um entendimento público-privado, o que estabeleceria as bases para a liderança do Estado e de suas instituições. Para isso, é preciso aprender com o milagre asiático. Algumas décadas atrás, países como Coreia do Sul e Japão mostraram claramente como modelos de convergência público-privada geram desenvolvimento econômico com base na visão condutora dos dirigentes do Estado.

Os países da América Latina também precisam atentar para a mudança da agenda social. É necessário passar de uma ênfase na mera redução da pobreza (o que deve continuar sendo feito, sobretudo nos países nos quais os índices ainda não se reduziram drasticamente) a uma que satisfaça as novas necessidades das classes médias. Para ficar num exemplo, os países da região devem atender à demanda por ensino superior dos jovens dessas famílias emergentes. Fora isso, não se pode esquecer que os setores médios que recém-emergiram da pobreza têm medo de regredir. Esses temores são conhecidos: o receio de passar dificuldade na

velhice ou de gastar toda a poupança para pagar um tratamento médico. Como está fixada na ideia do consumo, a nova classe média acaba se endividando, o que gera uma série de dificuldades e insatisfações — desdobramentos que precisam ser acompanhados pelos governos.

Mesmo com essas fragilidades econômicas, os setores médios estão mais capacitados do que nunca. Eles têm mais conhecimento e acesso à informação graças às novas redes tecnológicas que, como Google, Facebook e Twitter, permitem a esses grupos coordenar as suas demandas para ser ouvidos. É aqui, mais uma vez, que o papel do Estado se torna crítico. É necessário encaminhar essas demandas e garantir maior coesão social que coloque no centro das preocupações a redistribuição da renda. Isso obriga que o Estado crie instituições sólidas não só para a gestão macroeconômica, com a autonomia das autoridades responsáveis, como também para enfrentar a corrupção e o crime organizado. Em resumo, a América Latina está entrando num novo ciclo de seu desenvolvimento. Para estar à altura dos desafios do século 21, os países latino-americanos precisam de novas instituições políticas que fortaleçam o papel do Estado, aumentem a participação da cidadania e gerem crescimento econômico com uma distribuição equitativa da renda e dos bens públicos. ■